

COMPETITIVIDADE DOS PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE CARNE BOVINA NO PERÍODO DE 2002 A 2013¹

Thiago José Florindo²

Giovanna Isabelle Bom de Medeiros³

Jaqueline Severino da Costa⁴

Clandio Favarini Ruviaro⁵

Resumo: A crescente demanda por alimentos em razão do crescimento populacional mundial e o desenvolvimento econômico em países emergentes impulsionaram o mercado internacional de carne bovina nos últimos anos, evidenciando os mais importantes exportadores dessa *commodity*. O objetivo deste trabalho foi identificar os determinantes do crescimento das exportações dos quatro principais países exportadores de carne bovina (Brasil, Índia, Austrália e Estados Unidos) entre os anos de 2002 e 2013. Para tal, foi utilizado o modelo *Constant Market Share*, decompondo o crescimento das exportações em três efeitos: crescimento do comércio mundial, destino das exportações e competitividade. Os resultados indicaram que o efeito crescimento do comércio mundial foi o de maior contribuição para o crescimento das exportações, ressaltando que apenas a Índia obteve resultados positivos em todos os efeitos durante os períodos analisados. No caso do Brasil, ocorreu mudança no destino de suas exportações, da União Europeia para países asiáticos e sul-americanos, que, no entanto, pagam um valor inferior pelo produto, afetando o desempenho das exportações brasileiras.

Palavras-chave: Exportação de carne bovina; *Constant Market Share*; comércio internacional.

1 Recebido em: 02/03/2015; Aceito em: 24/06/2015.

2 Mestrando em Agronegócios pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
E-mail: tjflorindo@gmail.com

3 Mestranda em Agronegócios pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
E-mail: gisabelle@gmail.com

4 Doutora em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq-USP. Professora titular da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: jaquelinecosta@ufgd.edu.br

5 Doutor em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: clandioruviaro@ufgd.edu.br

Abstract: The increasing demand for food due to world population growth and to the economic development in emerging countries boosted the international beef market in recent years, highlighting the most important exporters of this commodity. The objective of this study was to identify the determinants of growth of exports of the four main beef exporters countries (Brazil, India, Australia and the US) from 2002 to 2013. We used the Constant Market Share model, decomposing growth exports in three effects: growth of world trade, export destination and competitiveness. The results indicated that the growth effect of world trade was the largest contribution to export growth, noting that only India has been successful in all purposes during the periods. In the case of Brazil, a change occurred in the destination of its exports, from the European Union to Asian and South American countries, which, however, pay a lower value for the product, affecting the performance of Brazilian exports.

Keywords: Constant Market Share, international trade, beef exportations.

1. Introdução

O crescimento populacional e o desenvolvimento econômico, principalmente dos países asiáticos, têm propiciado maior consumo de alimentos. Segundo a *Food Agriculture Organization* – FAO (2013), estes fatores impulsionaram o mercado internacional de carne bovina nos últimos anos, tornando o Brasil um dos mais importantes exportadores dessa *commodity*.

O Brasil tem o maior rebanho bovino comercial do mundo, totalizando 208 milhões de cabeças em 2013, sendo atualmente o maior exportador de carne bovina, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne - ABIEC (2014a). Sua produção tem apresentando taxas crescentes, proporcionadas pelo aumento da produtividade, resultado do melhoramento genético dos animais e da adequação do manejo e reforma de pastagens, gerando maiores taxas de lotação de animais por hectare (MAPA, 2015).

A pecuária está presente em todas as Unidades de Federação brasileira, sendo a maior concentração nas regiões Centro-Oeste e Norte. Os estados com maiores rebanhos são Mato Grosso (29 milhões), Minas Gerais (24

milhões), Goiás (22 milhões) e Mato Grosso do Sul, com 21 milhões de cabeças (IBGE, 2012).

Segundo o MAPA (2015), a bovinocultura é uma das principais atividades do agronegócio brasileiro, cujo valor bruto da produção do segmento de corte juntamente com o de leite é superior a R\$ 67 bilhões. Além disso, em 2012, a atividade foi responsável pela geração de mais de 434 mil pontos de trabalho em regime formal (RIBEIRO et al., 2014).

As exportações da bovinocultura de corte em 2014 tiveram como destino 180 países, somando US\$ 7.2 bilhões (MDIC, 2015). Entretanto, nos últimos anos, verifica-se um considerável crescimento das exportações de carne bovina da Índia, principalmente para países asiáticos, podendo acarretar risco para o setor produtivo nacional.

Pela importância dessa cadeia produtiva para o Brasil, o presente estudo tem como objetivo verificar quais fatores influenciam as exportações de carne bovina *in natura*, enfatizando a competitividade do Brasil frente aos principais exportadores mundiais, no período de 2002 a 2013.

Dessa forma, foi analisado o comportamento das exportações desse produto e identificados os fatores determinantes do seu crescimento, por meio da aplicação do modelo *Constant-Market-Share* (CMS), no período de 2002 a 2013, efetuando comparações entre o desempenho do Brasil e o desempenho de seus principais competidores no mercado internacional de carne bovina.

2. Comercialização e análise de competitividade

O comércio entre nações tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores nos últimos séculos. As trocas de mercadorias são necessárias para suprir uma demanda existente por um produto qualquer em uma comunidade, região ou país que tenha uma especificidade de produção inferior a outras regiões, em uma relação em que ambas as nações se beneficiam com a

comercialização (KRUGMAN; OBSTEELD, 2001; WILLIANSO, 1989; SALVATORE, 1999).

Nesse contexto, a comercialização pode ser compreendida por duas teorias. Smith (2008) enfatiza que quando uma nação tem alguma vantagem absoluta na produção de um determinado produto, a especialização em sua produção irá gerar excedente em relação a seu consumo, possibilitando sua troca. No entanto, na visão do autor, não existiria comércio caso uma nação tivesse vantagens absolutas sobre os produtos necessários para suprir sua demanda (RAINELLI, 1998).

Já Ricardo (1996) propõe que, mesmo que uma nação não tenha vantagem absoluta em nenhuma *commodity*, ainda assim haveria uma possibilidade de comércio, desde que se especializasse na produção de uma *commodity* de menor desvantagem absoluta.

No entanto, a imperfeição dos mercados atribuída à diferença de recursos não explica o comércio mundial, ao considerar as diferenças internacionais de tecnologias, que permitem ganhos de escala e de produtividade (KRUGMAN e OBSTFELD, 2001).

Maia (2001) e Gonçalves et al. (1998) também criticam a Teoria das Vantagens Comparativas, pois ela não explica o comércio internacional contemporâneo, já que desconsidera o papel desempenhado pela tecnologia, pela diferenciação dos produtos e pelos rendimentos crescentes de escala. Além disso, essa teoria pressupõe apenas um fator de produção, que o comércio seja entre dois países, que os custos de transporte sejam iguais a zero e que a Balança Comercial esteja sempre equilibrada.

A abertura de uma economia defronta as nações com dois ambientes intrínsecos: um microeconômico, relacionado à sua produção; e outro macroeconômico, que segmenta a competitividade em duas vertentes, por desempenho e eficiência (KUPFER, 1992). Nesse aspecto, Farina (1999) esclarece que, do ponto de vista das teorias da concorrência, a competitividade pode ser definida como a capacidade sustentável de

sobreviver e possibilitar crescimento em mercados correntes ou em novos mercados.

Haguenauer (1989) e Kupfer (1992) relacionam a competitividade a dois aspectos: eficiência e desempenho. A competitividade como eficiência se relaciona à produção, com maior uso de tecnologias, permitindo maior eficiência na transformação dos insumos em produtos e utilizando a qualidade de sua produção como um fator de concorrência. Já a competitividade como desempenho é descrita pelo poder de mercado e vantagens competitivas de uma economia.

Dessa forma, pode ser analisada pelo poder de mercado (*market-share*) e suas vantagens competitivas, em que as exportações de um produto por uma indústria configuram um indicador de competitividade internacional (SOUZA et al., 2011). Entretanto, a competitividade não pode ser vista apenas pelo desempenho ou eficiência em razão de componentes exógenos que determinam o padrão de concorrência vigente no mercado (KUPFER, 1992).

3. Metodologia

Neste trabalho, utilizou-se apenas a carne bovina *in natura*, por representar aproximadamente 80% das exportações mundiais. Primeiramente, foram selecionados os quatro principais países exportadores de carne bovina *in natura* no ano de 2013, sendo eles Brasil, Índia, Austrália e Estados Unidos.

O estudo avaliou o comportamento das exportações dos países no período de 2002-2013. Com o análise foi dividida em três grupos de tempo de quatro anos: 2002-2005, 2006-2009 e 2010-2013.

Como destino das exportações, para coleta de dados, foram selecionados os dez principais países importadores de carne bovina *in natura* de cada país, nos respectivos grupos de tempo analisados, justificados pela

grande representatividade no total das exportações do país. Outros países importadores foram chamados de “resto do mundo”.

Os dados foram coletados no banco de dados UNContrade, das Nações Unidas, sendo identificados pelos seguintes códigos NCM: 0201 (carne resfriada) e 0201 (carne congelada). Todos os dados coletados são referentes a valores monetários de importações e exportações, sempre expressos em dólares americanos (US\$).

3.1. O Modelo Constant Market Share (CMS)

O modelo CMS tem sido amplamente utilizado para determinação de fatores que contribuíram para o desempenho das exportações de um determinado produto, para um país ou bloco econômico, em certo período (GRAMS *et al.*, 2013; MAXIR e FARIA, 2014; FIGUEIREDO *et al.*, 2004). Segundo Richardson (1971), esse modelo atribui o crescimento das exportações tanto a questões estruturais como a forças competitivas. Carvalho (1995) destaca que, apesar de o método apresentar um caráter retrospectivo, há possibilidade de fazer inferências em relação ao direcionamento do setor, orientando para mercados mais vantajosos, com características mais dinâmicas, admitindo a continuidade das tendências apresentadas.

O modelo CMS pode ser descrito pela seguinte equação proposta por Merkies e Meer (1988):

$$V'.. - V.. \equiv rV.. + \sum_i (r_i - r)V_i + \sum_{jk} (r_{jk} - r_k)V_{ijk} + \sum_{jk} (r_{ijk} - r_{jk})V_{ijk} \quad (1)$$

(a) (b) (c) (d)

Em que:

V = valor total das exportações no período 1;

V' = valor total das exportações no período 2;

V_{ijk} = valor das exportações da mercadoria k , do país i para o mercado j , no período 1;

r = incremento percentual das exportações mundiais.

r_i = incremento percentual das exportações totais do país i ;

r_k = incremento percentual das exportações mundiais da mercadoria k ;

r_{jk} = incremento percentual das exportações mundiais da mercadoria k para o país j ; e

r_{ijk} = incremento percentual das exportações da mercadoria k , do país i para j .

A equação CMS permite decompor a taxa de crescimento das exportações do país analisado em quatro efeitos:

- (a) *Efeito crescimento do comércio mundial*: indica se as exportações do país analisado cresceram à mesma taxa do comércio mundial.
- (b) *Efeito composição da pauta*: apresenta mudanças na composição da pauta de exportações sobre a concentração em mercadorias de maior ou menor crescimento. Será positivo se as exportações mundiais do produto i aumentarem mais do que a média mundial para todas as mercadorias. Quando utilizado para analisar as exportações de um único tipo de produto, torna-se nula a composição da pauta, sendo essa etapa da equação eliminada.
- (c) *Efeito destino das exportações*: apresenta mudanças decorrentes da concentração das exportações para mercados mais ou menos dinâmicos. Será positivo se o país analisado tiver concentrado suas exportações em mercados com maior dinamismo.
- (d) *Efeito competitividade*: determinado pelo efeito residual resultante da diferença entre crescimento proporcional mundial e crescimento

efetivo das exportações de um país. A diferença entre o crescimento das exportações apresentado no modelo CMS e o crescimento efetivo das exportações é atribuída à competitividade. Quando negativa, indicará o fracasso do país em manter sua parcela no mercado mundial.

No entanto, Richardson (1971) ressaltou algumas limitações e dificuldades para a aplicação da metodologia: a variação devida ao nível de agregação da mercadoria; a necessidade de classificação de commodities para uma análise mais homogênea possível; a comparação das exportações deve ser feita com os concorrentes relevantes no mercado analisado; e a dificuldade de determinação da abrangência dos subperíodos de tempo.

4. Resultados e Discussão

4.1. O mercado internacional de carne bovina

O consumo mundial de carne bovina tem-se mantido estável nos últimos anos, segundo dados do *United States Department of Agriculture*– USDA (2014), totalizando 56.825 toneladas equivalentes em carcaça em 2013, apresentando um crescimento de 0,7% em relação a 2010. Estados Unidos e União Europeia vêm apresentando queda no consumo de carne bovina, motivada por crises econômicas, problemas relacionados à segurança alimentar, como o caso da encefalopatia espongiforme bovina (EEB), entretanto, países asiáticos como o Japão, Coreia do Sul e China vêm apresentando mudanças nos hábitos alimentares, aumentando o consumo e a importação (UNCONTRADE, 2014).

A Tabela 1 mostra que, no ano de 2013, Brasil, Austrália, Índia e Estados Unidos foram responsáveis por 47,15% da produção mundial de carne bovina, representando aproximadamente 70% das exportações mundiais.

Tabela 1 – Produção e exportação de carne bovina mundial em 2013

País	Produção (1.000 TEC)	Consumo (1.000 TEC)	Saldo	Exportações (1.000 TEC)	Exportações (US\$ 1.000)	Participação Mundial
Brasil	9675	7885	1790	1849	5358664	20,17%
Índia	3850	2085	1765	1765	4486553	19,26%
Austrália	2359	768	1591	1593	5038773	17,38%
Estados Unidos	11757	11617	140	1172	5238990	12,79%
Outros	30979	34470	-3491	2786	12276231	30,40%
Total	58620	56825	1795	9165	32399210630	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da USDA (2014).

Os Estados Unidos se destacaram como o maior produtor no ano de 2013, mas, em razão da grande demanda interna, seu saldo para exportações (140 mil TEC) foi significativamente inferior quando comparado aos outros países. Suas exportações são destinadas a mercados como o Japão, com maiores exigências sanitárias e maior valor agregado ao produto, sendo também um importante importador da Austrália, com o objetivo de repor o volume exportado.

Quanto ao saldo para exportação, destaca-se a Índia, que, apesar de não ter uma produção tão expressiva quanto as do Brasil e Estados Unidos, o baixo consumo interno possibilita um grande excedente para exportação, próximo ao saldo para exportação brasileiro.

Considerando o valor e a quantidade exportada por cada país, destacam-se os Estados Unidos com o maior valor por TEC de carne bovina (aproximadamente US\$ 4470). Em seguida, vêm Austrália, com US\$ 3163 por TEC (29% inferior); Brasil, com US\$ 2898 por TEC (35% inferior); e Índia, com US\$ 2541 por TEC (43% inferior).

O Brasil detém o maior rebanho bovino comercial do mundo em um sistema de produção, alicerçado, principalmente, na alimentação a pasto (natural e cultivado), apresentando baixo nível de intensidade e tendo como principais regiões de produção o centro-oeste e o norte do país (ABIEC, 2014a). Contudo, a produção nacional de carne bovina é

17,70% inferior à dos Estados Unidos pelas diferenças nos sistemas de produção, baseado principalmente em confinamentos de forma intensiva e às raças dos animais.

4.2. Análise do modelo CMS - Período I (2002 a 2005)

O primeiro período analisado foi marcado por um grande crescimento nas exportações mundiais, saltando de U\$ 14 bilhões em 2002 para U\$ 21,5 bilhões em 2005, apresentando um crescimento de, aproximadamente, 50,88%.

A Tabela 2 mostra o crescimento na demanda mundial de carne bovina e, paralelamente, a queda nas exportações dos Estados Unidos em razão do registro de casos de EEB, tendo resultado em forte crescimento das exportações do Brasil e Índia, possibilitado pelo saldo para a exportação em relação ao consumo.

A queda nas exportações dos Estados Unidos, segundo dados do USDA (2013), foi motivada pelo surgimento de três casos de EEB em dezembro 2003, nos estados de Washington, Alabama e Texas. Vários países importadores de carne bovina americana impuseram restrições motivadas pela preocupação com a segurança alimentar.

Tabela 2 – Análise CMS período de 2002 a 2005.

Indicador	Período I: 2002 a 2005			
	Brasil	Índia	Austrália	Estados Unidos
Crescimento das exportações do país de carne bovina no período	211,61%	101,76%	58,45%	-66,56%
Efeito Crescimento do Comércio Mundial	60,99%	68,02%	5,08%	-48,99%
Efeito Destino das Exportações	11,69%	39,57%	-0,84%	-47,68%
Efeito Competitividade	149%	11%	14%	-70%

Fonte: Elaborado com base em dados da pesquisa.

As restrições impostas ao mercado americano possibilitaram o crescimento das exportações brasileiras para o mercado europeu, gerando um crescimento de 211% nas exportações brasileiras. O crescimento no mercado europeu é evidenciado pelo pequeno crescimento do destino das exportações brasileiras, confrontado com o grande crescimento nos mercados para os quais o Brasil já exportava. Esse crescimento das exportações brasileiras para o mercado europeu foi favorecido pela criação e implementação do Sistema Brasileiro de Rastreabilidade Bovina e Bubalina – SISBOV em 2000, adequando à produção brasileira as imposições de sanidade e rastreabilidade da União Europeia.

Sobre o efeito de crescimento do comércio mundial, os países em desenvolvimento, Brasil e Índia, se beneficiaram da ampla expansão de suas exportações no mercado mundial, com crescimento de 60,99% e 68,02% sobre a média das exportações mundiais, respectivamente.

As exportações totais de carne bovina da Austrália mantiveram-se estáveis nesse período, crescendo praticamente na mesma proporção do crescimento mundial, foi mantido estável o destino de suas exportações e aumentada sua participação em 14% nos mercados para os quais exportava.

4.3. Análise do modelo CMS - Período II (2006 a 2009)

O segundo período apresentou uma redução do crescimento das exportações mundiais de carne bovina quando comparado ao período anterior, tendo movimentado US\$ 24,2 bilhões em 2006 e US\$ 28,8 bilhões em 2009, um crescimento de aproximadamente 19,20%.

O total das exportações mundiais apresentou crescimento de 2,5% nesse período, segundo dados do UNContrade (2014), explicado pela crise financeira americana no ano de 2008, tendo implicações nas exportações de vários países. Dados da Tabela 3 descrevem o impacto desta crise financeira sobre as exportações americanas, tendo uma redução de, aproximadamente, 25% em relação ao crescimento mundial.

As exportações de carne bovina brasileira sofreram severas restrições nesse período. Segundo Souza *et al.* (2011), os focos de febre aftosa em outubro de 2005 no estado de Mato Grosso do Sul tiveram impactos negativos como restrições de importações por parte dos países importadores de carne bovina brasileira, principalmente dos países da UE.

Para escoar a produção, o Brasil buscou mercados alternativos como Venezuela e países mediterrâneos, menos exigentes em questões sanitárias e preços inferiores comparados aos do mercado europeu. Esse redirecionamento para novos mercados é explicado pelo crescimento do destino das exportações em 125%. Contudo, o Brasil obteve redução drástica de competitividade para os países para os quais exportava em 2006, condizendo com o bloqueio das importações da UE.

Tabela 3 – Análise CMS período de 2006 a 2009.

Indicador	Período II: 2006 a 2009			
	Brasil	Índia	Austrália	Estados Unidos
Crescimento das exportações do país de carne bovina no período	-3,57%	45,92%	-7,81%	73,87%
Efeito Crescimento do Comércio Mundial	337,48%	1719,70%	879,86%	-24,66%
Efeito Destino das Exportações	127,58%	24,64%	-14,72%	-8,22%
Efeito Competitividade	-150%	2%	-12%	63%

Fonte: Elaborado com base em dados da pesquisa.

Ao analisarmos os Estados Unidos, mesmo com redução das exportações totais por causa da crise financeira que enfrentava, suas exportações de carne bovina cresceram 73% no período analisado, por motivo da normalização das restrições impostas sobre o caso de EEB. As exportações americanas obtiveram grande crescimento para UE nesse período, pelas restrições impostas à carne bovina brasileira, tendo uma redução de 8% nos países de destino de suas exportações, mas aumentando a participação em 64% nos mercados para os quais já exportava em 2006.

4.4. Análise do modelo CMS - Período III (2010 a 2013)

Após a crise americana de 2008, as exportações mundiais retomaram seu crescimento nesse período, apresentando uma variação de 18,44%, tendo sido mantida a tendência de queda no crescimento das exportações mundiais de carne bovina, que movimentaram US\$ 32,4 bilhões em 2010 e US\$ 35,5 bilhões em 2013, crescimento de 9,73%.

Dados da Tabela 4 apontam que todos os países analisados apresentaram crescimento superior à média mundial em suas exportações de carne bovina nesse período, com destaque para a Índia, com crescimento de 164,46% sobre suas exportações em 2010. Segundo dados do UNContrade (2014), esse crescimento acima da média pode ter sido ocasionado por uma redução no volume exportado de carne bovina em vários países, onde o crescimento do consumo interno reduziu o saldo para exportações.

De acordo com o efeito do crescimento do comércio mundial, as exportações indianas têm-se mantido em um nível de crescimento muito superior ao dos outros países, com ganho de escala em suas exportações. Segundo a USDA (2014), a Índia exporta carne bubalina a preços inferiores à bovina principalmente para países do sudeste asiático e Oriente Médio, fornecendo carne *halal*, atendendo a exigência de muitos desses mercados. Segundo ABIEC (2015), o abate *halal* segue regras muçulmanas de higiene e sanidade, sendo a carne certificada e rotulada em consonância com a lei Sharia, considerada sagrada para a religião islâmica, segundo o Alcorão.

Tabela 4 – Análise CMS período de 2009 a 2013.

Indicador	Período III: 2010 a 2013			
	Brasil	Índia	Austrália	Estados Unidos
Crescimento das exportações do país de carne bovina no período	38,79%	164,46%	28,37%	54,22%
Efeito Crescimento do Comércio Mundial	23,13%	185,83%	19,21%	27,73%
Efeito Destino das Exportações	26,75%	49,44%	11,69%	31,47%
Efeito Competitividade	2%	105%	7%	13%

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa.

Entre os importadores indianos, destaca-se o Vietnã, absorvendo 40% de suas exportações. O governo do Vietnã vem sendo criticado pelo governo chinês por contrabandear carne indiana para a China, visto que a China apresenta restrições à importação de carne bovina da Índia (ABIEC, 2014b).

O Brasil tem aproveitado seu baixo custo de produção para ampliar suas exportações para países mais competitivos como Venezuela, Angola, Arábia Saudita e Chile, aponta USDA (2014). Torna-se evidente ao analisar os dados que o crescimento das exportações brasileiras foi proporcionado pela adesão de novos mercados, através do crescimento do destino de suas exportações em 26,75%, e sua participação tem-se mantido estável nos outros países.

Alguns países asiáticos como Japão e Coreia do Sul têm normas rígidas sobre sanidade e rastreabilidade, impondo restrições às importações brasileiras e indianas, tendo como principais fornecedores estados Unidos e Austrália. Nesse contexto, ambos foram beneficiados pela expansão da demanda desses mercados, mas a Austrália tem perdido competitividade em decorrência das fortes secas enfrentadas nos últimos anos, ocasionando uma redução do número de abates.

5. Conclusões

A aplicação do modelo CMS evidencia a posição competitiva do Brasil no comércio internacional de carne bovina *in natura*, porém, ao mesmo tempo, revela sua perda de competitividade em mercados específicos como União Europeia e países sul-asiáticos.

Entre as principais causas de mudanças no mercado internacional, destacam-se as crises sanitárias como a EEB e a febre aftosa, ocorridas nos Estados Unidos e Brasil, respectivamente. Em ambos os casos, alguns países como China, Japão e a Comunidade Europeia impuseram restrições sanitárias à importação, obrigando o direcionamento das exportações para mercados com menores exigências sanitárias, mas com menor remuneração.

Analisando o destino das exportações, Austrália e Estados Unidos concorrem em países com maiores exigências sanitárias e de rastreabilidade, com melhor remuneração, e Brasil e Índia têm direcionado suas exportações para países de menores exigências sanitárias e, conseqüentemente, com menor remuneração. Comparado aos Estados Unidos e à Austrália, o Brasil apresenta condições competitivas favoráveis pelo baixo custo de produção, pela qualidade da carne superior comparada à Índia e pela capacidade de expansão da sua produção por meio do incremento tecnológico e genético, o que gera maior produtividade, diferentemente de muitos países exportadores que estão próximos do seu limite produtivo.

Contudo, países com relevante participação nas importações mundiais como Japão, Coréia do Sul, Estados Unidos, China e países Islâmicos, além da União Europeia, têm atualmente restrições às exportações de carne brasileira. Para atender esses mercados específicos, é necessário que o Brasil se adapte às normas restritivas de sanidade e rastreabilidade e, assim, aumente suas exportações de carne bovina.

Entre as limitações da aplicação do modelo CMS, é importante ressaltar que ele não permite identificar os fatores responsáveis pelas mudanças das exportações, mas, de acordo com sua decomposição em períodos, podem ser apontadas as possíveis causas. Dessa forma, a decomposição do período em subperíodos de análise pode possibilitar maior compreensão das mudanças, mas, por outro lado, pode limitar a identificação de variações.

Com esse intuito, são necessários investimentos em sistemas regulamentadores viáveis sob o ponto de vista prático e econômico, que sejam modelos que assegurem a sanidade e a rastreabilidade da carne bovina, certificando a qualidade do produto consoante os padrões internacionais, aportando confiança ao mercado consumidor em relação à segurança alimentar.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE - ABIEC. **Brazilian beef perfil 2013**. 2014a. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br>>. Acesso em 20 de maio de 2014.

_____. **Clipping ABIEC**. 2014b. Ano 1, Número 605. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/3_hek.asp>. Acesso em 10 de junho de 2014.

_____. **Halal e Kosher**. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/3_hek.asp>. Acesso em 10 de junho de 2014.

CARVALHO, F. de. O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial. **Piracicaba: ESALQ**, 1995.

FARINA, E. M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. **Gestão & Produção**, v. 6, n. 3, p. 147-161, 1999.

FIGUEIREDO, Adelson Martins; SANTOS, ML dos; LÍRIO, Viviani Silva. Análise de Market Share e fontes de variação das exportações brasileiras de soja. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 2, n. 3, p. 335-360, 2004.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION - FAO. **The state of food insecurity in the world**. 2013. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/018/i3458e/i3458e.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2014.

GONÇALVES, R. *et al.* **A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

GRAMS, Júlia Caroline *et al.* Competitividade das Exportações da Indústria Automobilística Brasileira: Uma Análise Constant Market Share. **Desenvolvimento em Questão**, v. 11, n. 23, p. 247-270, 2013.

HAGUENAUER, Lia. Competitividade: conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. **Texto para discussão**, n. 211, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estados**. 2012 - Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat>>. Acesso em: junho, 2014.

KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. 5.ed. São Paulo: Makron, 2001.

KUPFER, David. Padrões de concorrência e competitividade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 9., 1992, Campos do Jordão, S.P. **Anais...** Brasília: ANPEC, 1992. p.261-281.

MAIA, J. M. **Economia internacional e comércio exterior**. São Paulo: Atlas, 2001.

MAXIR, Henrique dos Santos; FARIA, Rosane Nunes de. Exportações brasileiras de recursos naturais não renováveis: competitividade e padrões

de especialização. **Revista de Economia e Agronegócio**, VOL.11, Nº 3 2014.

MERKIES, Arnold HQM; VAN DER MEER, T. A theoretical foundation for constant market share analysis. **Empirical Economics**, v. 13, n. 2, p. 65-80, 1988.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. **Estatísticas de Comércio Exterior**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=607>. Acesso em maio/2015.

RAINELLI, M. **Nova teoria do comércio internacional**. Tradução: Ribeiro, Viviane. Bauru, São Paulo: EDUSC. 1998.

RIBEIRO, Gabriela Garcia; CORRÊA, Dalila Alves; DE ZEN, Sergio. Trabalho formal na pecuária de corte brasileira: uma tendência da consolidação. **Caderno Profissional de Administração da UNIMEP**, v. 4, n. 1, p. 67-75, 2014.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RICHARDSON, J. David. Constant-market-shares analysis of export growth. **Journal of International Economics**, v. 1, n. 2, p. 227-239, 1971.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. Rio de Janeiro. Livros Técnicos Científicos (LTC), 1999.

SMITH, Adam. **Riqueza das nações**. Hemus, 2008.

SOUZA, Luiz Gustavo Antonio *et al.* As exportações e a competitividade da carne bovina brasileira e paranaense no período 1990-2005. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 114, p. 153-178, 2011.

UNCONTRADE DATABASE. **United Nations Statistics Division**. Disponível em: <http://comtrade.un.org/>. Acesso entre 05 de maio de 2014 a 27 de maio de 2014.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. **Livestock and Poultry: World Markets and Trade**. 2014. Disponível em: http://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf. Acesso em 15 de maio de 2014.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. **Frequently Asked Questions on BSE (Bovine Spongiform Encephalopathy or Mad Cow Disease)**. 2013. Disponível em: http://www.usda.gov/wps/portal/usda/usdahome?contentid=BSE_FAQs.xml. Acesso em 15 de maio de 2014.

WILLIAMSON, John. **Economia aberta e a economia mundial: um texto de economia internacional**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

